

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajóia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

O REGISTO MATERIAL DE MOVIMENTAÇÕES POPULACIONAIS NO MÉDIO TEJO, DURANTE OS SÉCULOS XII-XIII. DOIS CASOS DE “SUNKEN FEATURED BUILDINGS”, NOS CONCELHOS DE CARTAXO E TORRES NOVAS

Marco Liberato¹, Helena Santos², Nuno Santos³

RESUMO

Apresentam-se dois casos na bacia do Tejo em que estruturas negativas terão sido utilizadas como espaços domésticos. Os conjuntos artefactuais revelam uma cronologia em torno dos séculos XII-XIII e os perfis cerâmicos são claramente dissonantes das produções tipificadas para o período islâmico. Correspondem antes a soluções que evoluíram sem contacto com influências meridionais, características do Centro e Norte da Península. A tipologia dessas estruturas, conjuntamente com a hipotética origem geográfica dos seus construtores, torna razoável equacionar que estejamos perante habitats provisórios de populações recém-chegadas a estas latitudes. Assim, conclui-se que correspondem ao registo material do elemento humano que escorou a progressiva implementação nesta região de uma formação social diversa, após a conquista cristã, dinamizando novas fórmulas de exploração e controlo territorial.

Palavras-chave: Habitats temporários, Movimentos populacionais, Séculos XII-XIII.

ABSTRACT

This paper presents and discusses two cases of sunken featured buildings in Tagus Valley region. The pottery recovered in association with the structures is similar to the productions of central e northern provinces of the Iberian Peninsula, where Islamic influences were tenuous or even non-existent. Both the typology of these contexts and the likely origin of their builders, allows us to equate their correspondence with temporary habitats of newcomers ready to settle after the Christian conquest of the area, in the XIIth century.

In conclusion, we are probably dealing with the material record of the human element that supported the progressive implementation in this region of a different social formation, promoting new formulas of territorial control.

Keywords: Temporary habitats, Migrations, XIIth-XIIIth centuries.

1. OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

a. Quinta da Aramenha III, Cartaxo

O primeiro sítio considerado, localizado no concelho do Cartaxo, implanta-se no topo de uma pequena elevação (36m) sobranceira às várzeas aluvionais do

Tejo (4-5m), distando cerca de quatro quilómetros do leito atual do rio. Tendo sido identificado no decurso da exploração de inertes para a empreitada de alargamento da autoestrada A1, foi nomeado como Quinta da Aramenha e intervencionado por várias vezes, entre 2004 e 2006. Foi a reativação dessa ati-

1. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, marcoliberato@hotmail.com

2. lenamps@hotmail.com

3. nuno.arh.santos@gmail.com

vidade de extração, já no âmbito da requalificação da ferrovia que lhe passa próxima, que determinou a intervenção de maiores dimensões. Foi então estipulada, como medida de minimização, a escavação de 400 metros quadrados, registada com o topónimo Quinta da Aramenha III (Borges, 2007, p. 3) (Foto 1). Os materiais recolhidos demonstram atividade antrópica numa ampla diacronia, iniciada com a abertura de estruturas negativas tipo fossa/silo em período proto-histórico. É indubitável também algum tipo de ocupação em época romana, atestada pela recolha de um fundo de ânfora e pela presença generalizada de telhas bastante espessas, mas muito fragmentadas, por toda a área. Ocorrem ainda, nas camadas superficiais, testos com barbeta e fundos em “bolacha”, sinalizando um horizonte baixo-medieval que ficou pouco definido na intervenção. Mas que poderá relacionar-se com a abertura de novas estruturas negativas, de planta muito regular, tendencialmente quadrangulares e que foram interpretadas como ações com vista ao plantio de árvores.

No entanto, a ocupação mais consistente corresponde ao período pleno-medieval. A mesma encontra-se representada por três contextos, cujas características apontam para soluções de habitat pouco documentadas para estas cronologias, organizadas a partir de estruturas negativas.

É o caso da estrutura [35], uma depressão no substrato geológico com pelo menos seis metros de comprimento por cerca de dois de largura⁴. Não conseguimos determinar a sua profundidade, mas rondaria os 50cm, a julgar pelo registo gráfico de algumas realidades associadas (Borges, 2007a, p.9) (Foto 2).

Os dois “alvéolos” semi-circulares que apresenta no alçado Este, serão estruturas negativas tipo fossa que intercetaram posteriormente a estratigrafia original, na medida em que a sua abertura parece ter desmantelado parcialmente a realidade [24]. Esta foi descrita como um «lar de argila cozida, muito regular, com uma pequena fornalha central de paredes sobreelevadas» (Borges, 2007, p.7). Estará diretamente relacionada com a utilização primária da estrutura negativa, na medida em que se posicionava, estratigraficamente, entre os depósitos [9] e [8]. O primeiro sedimento, que cobria a base da realidade [35], apresentava uma tonalidade escura que

4. O relatório refere que não foi escavada na íntegra, mas ficou delimitada a «maior parte do seu traçado» (BORGES, 2007, p. 8).

denuncia um maior contributo de matéria orgânica na sua formação e testemunhará, com maior segurança, o período de utilização desse ambiente, pelo que só consideramos os seus materiais nesta abordagem ao sítio.

Assinale-se que não se verifica qualquer derrube de revestimentos cerâmicos do telhado, que teria neste contexto as condições ideais para se ter preservado. Assim, consideramos altamente provável que, a ter existido um esquema de cobertura, se tenha recorrido a materiais orgânicos na sua edificação.

A Este deste contexto, outra realidade presente na escavação replica várias das suas características, ainda que com formatos diferentes. Trata-se da estrutura negativa [34], que apresentaria uma planta para-circular, com cerca de 3 metros de diâmetro. É bastante menos profunda que a anterior, mas a sua associação com uma estrutura tipo forno, ainda que localizada no exterior, parece demonstrar, de facto, a mesma lógica funcional⁵ (Foto 3).

Um terceiro contexto é ainda de mais difícil interpretação. Trata-se da sobreposição entre os sedimentos [46] e [47]. O primeiro foi definido como um «estrato» associado a «uma grande quantidade de cerâmica no que se supõe ser um espaço doméstico» enquanto o segundo, «com sedimentação igual à [46]», cobriria uma depressão no substrato geológico de «contornos quadrangulares» (Borges, 2007, p. 13). Esta interface, que não recebeu número de unidade⁶, é muito pouco perceptível nas fotos, pelo que teria pouca profundidade (BORGES, 2007, foto 19). Nesse mesmo registo podem ser observadas algumas depressões que poderão corresponder a buracos de poste, mas esse tipo de estruturas nunca foi individualizado pelos responsáveis da intervenção (BORGES, 2007, foto 19)⁷.

5. (BORGES, 2007, foto 17). Nesta foto é visível uma outra estrutura negativa, mais profunda. Corresponderá à realidade [67] colmatada pelo depósito [66], que estaria «coberta pela [33] (Idem, p. 14), constituindo certamente uma pré-existência.

6. No relatório assinala-se que o depósito [47] «enche a [48]» (BORGES; 2007, p. 13). No entanto, regista-se nesse mesmo local, que essa unidade estratigráfica preenche a estrutura negativa [49] e surge representada no registo fotográfico no quadrado J4 (BORGES, 2007a, foto 11). Assim, a primeira referência trata-se certamente de um lapso.

7. Assim se constata pela sua visibilidade no caso das estruturas negativas [64] (BORGES, 2007a, foto 18) e [13] (BORGES, 2007, foto 10), sem que exista menção à sua ocorrência.

b. Prédio Alvarenga, Torres Novas

O outro caso de *sunken featured buildings* foi identificado num contexto totalmente distinto, no interior da malha urbana da cidade de Torres Novas, permitindo assim uma contextualização mais documentada à sua ocorrência.

Muito embora as tradições locais insistam numa ocupação islâmica do sítio, não se conhece nenhum dado empírico que a sustente. A primeira menção conhecida a *Turribus Novis* data de 1179, quando D. Afonso Henriques atribuiu uma verba aos pobres locais no seu legado testamental, uma informação que tem sido interpretada como significante de um tecido social pouco coeso, que teria na recente fundação da vila uma explicação plausível (Coelho, 1992, p. 61). Em 1190, uma incursão almóada, que não conseguiu dominar Santarém, saqueia a fortaleza da povoação, chamando-lhe castelo de Torres (*hisn Torrech*), dirigindo-se depois a Tomar (Conde, 2000, p. 77), certamente deslocando-se sobre as estradas romanas da região. Terá sido esse acontecimento a motivar a atribuição de foral à vila, nesse mesmo ano, com o objetivo de fomentar o seu povoamento e operacionalizar, com maior sucesso, as valências militares da sua posição, no corredor de circulação Santarém-Coimbra. Iniciativa que será coroada de sucesso uma vez que, na década de 20 do século XIII, encontravam-se já construídas pelo menos quatro igrejas, correspondendo às paroquiais que se mantiveram organizadas até ao século passado (Boissellier, 2012, p. 102)⁸.

Os dados arqueológicos apontam também para a inexistência de um povoado islâmico. A recente identificação de marcas de canteiro em várias torres do castelo, comprova definitivamente que a fortaleza, pelo menos no formato que atingiu o século XX, corresponde a uma edificação cristã. De facto, os melhores paralelos estilísticos e formais para essas gravações encontram-se em construções relacionadas com a expansão portuguesa e que se julga terem sido erigidas entre os séculos XII e XIII, como S. João de Alporão em Santarém ou o Mosteiro da Batalha (Liberato, *et al.*, 2017).

As associações cerâmicas pleno-medievais recuperadas na cidade convergem no mesmo sentido. Não

ocorrem elementos que possam comprovar uma ocupação anterior ao século XII, não se detetando produções relacionáveis com ambientes culturalmente islamizados. Pelo contrário, verifica-se que os seus melhores paralelos são soluções tipicamente setentrionais, onde os influxos mediterrânicos nunca foram suficientemente fortes para determinar a evolução das tradições oleiras. A frequência de alguidares de fundo em disco ou a raridade de pintura a branco são elementos comprovativos desta interpretação (Liberato e Santos, 2017) (Liberato e Santos, 2018) (Costa, *et al.*, 2007). A identificação de um cantil pintado a vermelho, classificado como almóada, acaba por reforçar essa imagem, pelo evidente contraste técnico, ornamental e formal com a restante cerâmica conhecida na cidade (Lopes, 2007). Em 2019, a reabilitação de um imóvel denominado Prédio Alvarenga, implicou uma escavação em área de cerca de 150 m². Localizada a cerca de cem metros do castelo, partilha a mesma implantação topográfica, no topo de um planalto sobranceiro ao rio Almonda. Encontra-se, assim, naquela que seria a direção natural da expansão da malha urbana medieval. Que se terá constituído como arrabalde exterior à fortificação, entre os finais do século XII e inícios do século XIII, a julgar pela menção às igrejas de S. Maria e S. Salvador *circa* 1220, como já avançamos. Viria depois a ser cintado no âmbito das Guerras Fernandinas e a partir daí denominado como *Cerca* nas fontes documentais (Conde, 2000, p. 355) (Foto 4).

O contexto identificado nessa escavação e que agora analisamos, corresponde a um dos primeiros testemunhos de atividade antrópica detetada. Consiste numa estrutura negativa de planta tendencialmente retangular, escavada no substrato geológico, registada como [743], com pelo menos 4m de comprimento, uma vez que se prolongava para fora da área intervencionada. A largura apresentava um valor médio em torno dos 2,5m enquanto a profundidade máxima rondava os 20 cm. Toda a área limítrofe, a sul, encontra-se polvilhada de buracos de poste, não tendo sido possível determinar se existiu uma relação funcional, muito embora a inexistência destas realidades a Norte possa indiciar uma resposta negativa. Por fim, à semelhança do verificado no Quinta da Aramenha III, destaque-se a ausência de cerâmica de construção no seu enchimento (Foto 5). Para além das coincidências ao nível arquitetónico, também parecem ocorrer semelhanças funcionais

8. São referidas mais duas igrejas, *Sancta Maria de extra villam* que poderá corresponder à actual S. Maria do Vale, o que reforçaria ainda mais a imagem de “explosão” demográfica da vila e a *Ecclesia de Ortis*, que não conseguimos fazer corresponder com nenhum templo conhecido.

com os contextos do Cartaxo, dada a identificação de pequenos fornos construídos com barro cozido. No caso de Torres Novas, não temos provas incontestáveis da sincronia dessa solução com a utilização da estrutura [743]. Mas a ocorrência de inúmeros fragmentos de barro cozido no seu enchimento/abandono (registado como depósitos [734] e [740]), a par da frequência de ossos de animal carbonizados, tornam-na bastante provável.

Indiscutível é a construção/utilização de pelo menos duas dessas estruturas de combustão já sobre essa colmatação. Assim, ligeiramente desfasado de um primeiro forno, nomeado [732] e sobrepondo-se-lhe parcialmente, foi registada a estrutura [710]. Que constituiria uma unidade funcional com uma depressão de planta retangular, preenchida quase exclusivamente por material lenhoso carbonizado e designada como [712]. As características desse enchimento tornam provável que estejamos perante uma solução que, a partir da contenção de brasas, mantivesse a temperatura de alimentos já cozinhados (Foto 6).

Parece-nos, assim, plausível que a confeção de alimentos com recurso a fornos construídos com argila tenha ocorrido quer durante a utilização da estrutura negativa [743], quer após a sua condenação, mantendo-se a área adstrita ao mesmo tipo de atividades durante um período de tempo razoável.

2. MATERIAIS E CRONOLOGIA

A cultura material recuperada também contribui para a imagem de semelhança funcional entre as duas realidades, acrescentando ainda, à listagem de coincidências, uma cronologia aparentemente idêntica. Em ambos os sítios surgem fragmentos de uma forma cerâmica específica, modelada manualmente. As pastas utilizadas para o seu fabrico constituem outro caractere individualizador, apresentando sempre muitos desengordurantes inorgânicos, alguns de grande dimensão. Assinala-se ainda uma grande descontinuidade nas suas superfícies, que apresentam “falhas” de dimensões e formas diversas, mas que correspondem indubitavelmente a impressões de matéria vegetal, entretanto desaparecida.

A adição de grandes quantidades deste desengordurante ao barro terá certamente uma conexão direta com a função a que se destinava. Muito embora não a consigamos por agora descortinar, julgamos tratar-se de um elemento de louça de cozinha rela-

cionada com a confeção de um alimento específico, cujo consumo seria ocasional, na medida em que raramente surge nos conjuntos artefactuais. Concorrem a favor desta hipótese, desde logo, as marcas de forte exposição ao fogo que os fragmentos geralmente apresentam. Bem como a fragilidade do recipiente, que não deveria ter um tempo de vida longo, na medida em que se esboroa facilmente, sendo de equacionar um uso tendencialmente “descartável” dessa forma, inutilizada após poucas utilizações.

Estas características determinam que, geralmente, surja muito fragmentado, em pedaços informes, dificultando a sua identificação. Por vezes, devido à modelação manual, é mesmo confundido com a forma vulgarmente denominada de *tabaq*, como aconteceu em dois conjuntos de Torres Novas (Lopes, 2007) (Lourenço, 2002). No entanto, consideramos que não representa uma adesão a valores culturais meridionais/islâmicos, mas exatamente o seu contrário. Pelos contextos que conhecemos, constituem, a par das asas puncionadas e dos alguidares de fundo em disco, um elemento tipicamente setentrional.

Não espanta, assim, que o exemplar com o perfil mais completo que conhecemos, proveniente de Conimbriga, tenha surgido contextualmente associado com esses perfis. Foi o contacto com essa peça que nos levou a designar a forma como *alguidar modelado manualmente*, na falta de informações que permitam concretizar a sua função e definir uma nomenclatura mais adequada (Foto 7).

Assim, no enchimento da estrutura [743] do Prédio Alvarenga foram recolhidos mais de 250 fragmentos de cerâmica manual associáveis a esta forma, demonstrando um intensivo recurso ao(s) preparado(s) alimentar(es) que assegurava. (Fig 1) Surgem também nos depósitos [727] e [728], realidades sedimentares que anulavam o forno [732], mas estratigraficamente anteriores à estrutura de combustão mais recente, registada como [710].

Comparecem ainda no depósito [664], cuja sobreposição ao substrato geológico, a par da elevada percentagem de cinzas e carvões que embala, parece indicar uma contemporaneidade ou posteridade imediata à utilização desses fornos, correspondendo eventualmente a uma área de despejo dos detritos originados pelo seu funcionamento. Significativamente, é sobre esta realidade que ocorrem os primeiros muros em pedra, atestando a definitiva reconversão funcional do espaço.

No caso da Quinta da Aramenha III, surgem também no enchimento da estrutura negativa [34]. Esta estava colmatada com o sedimento [33], que embalava muitos fragmentos de barro cozido, em geral informes, com a típica ocorrência de negativos provocados pelo desaparecimento de matéria orgânica aquando da sua exposição a altas temperaturas. Outros, mais regulares, parecem tratar-se de bases. Mas no depósito que se lhe sobrepunha no quadrado D8, registado como [2], foi recuperado um bordo que permite associar definitivamente esses vestígios à manipulação de alguidares modelados manualmente (Figura 1).

A restante componente artefactual recuperada nos dois sítios é bastante escassa. Assim, proveniente do depósito [9], que corresponderá à utilização da estrutura negativa [35] da Quinta da Aramenha III, destaca-se um jarro com bordo trilobado (Fig. 2: [9] – 320). Muito embora, por vezes, esta solução seja associada, acriticamente, ao mundo islâmico, verifica-se que se encontra praticamente ausente, por exemplo, do sítio emiral da Quinta da Granja (González, 2013) ou dos abundantes conjuntos materiais tardo-islâmicos da Alcáçova de Santarém (VIEGAS e ARRUDA, 1999).

Pelo contrário, é possível detetar a sua ocorrência diacrónica em ambientes onde as influências meridionais nunca foram determinantes. Vejam-se os exemplos do século X do Castelo de Arouca (Silva e Ribeiro, 2014, p. 177), enquanto que em quatro povoados da Serra da Estrela de cronologia idêntica surge em quatro dos dezoito jarros identificados (Tente, Lantes e Prieto, 2014, p. 130). Demonstrando a sua grande divulgação e estabelecendo uma lógica evolutiva directa com as realidades alto-medievais, sendo exemplo o conjunto dos séculos VI-VIII do Casal do Acipreste, Tomar (Barradas e Batata, 2012). Comprova-se, assim, que constitui um traço de arcaísmo, que terá persistido nos ambientes ruralizados do Centro e Norte da Península, para surgir exuberantemente nos conjuntos pleno-medievais, como nos anunciam as produções de grés de Conimbriga (Alarcão, 1975, prancha XLV) ou os contextos do século XII de Coimbra (Silva, 2015, p. 67). As reduzidas dimensões do outro jarro identificado neste contexto (Fig. 2: [9] – 336) e a ampla distribuição das painéis de bordo triangular de colo estrangulado (Fig. 2: [9] – 353), bem como a sua longa diacronia, impedem datações finas, apontando para um período genérico, entre os séculos XII a XIV.

Os materiais provenientes do depósito [33], que colmatava a estrutura negativa [34], também não permitem maior detalhe, na medida em que se resumem a fragmentos diminutos de painéis de bordo triangular (Fig. 2: [9] – 355, 365).

Como se observou acima, as condições de deposição do sedimento [47] permitem algumas dúvidas sobre a homogeneidade crono-cultural do seu espólio, na medida em que se encontrava muito exposto a movimentações de terras superficiais. No entanto, dada a presença de percentagens razoáveis de perfis de algumas peças, nomeadamente uma painel praticamente completa, pelo menos alguma da cerâmica encontrava-se indubitavelmente em deposição primária.

As cerâmicas que embalava apresentam uma dissonância ainda mais marcada com as produções da Baía do Tejo. Desde logo pela prevalência de cozeduras muito irregulares e pela percentagem razoável de cerâmica de modelação manual, que se cifra em 14%. Poderíamos mesmo equacionar uma ocupação cíclica deste espaço, acompanhando uma qualquer actividade económica sazonal. No entanto, como não possuímos informações que possam escorar essa hipótese e se verifica uma identidade tipológica ao nível contextual, admitimos antes a sua sincronia com as restantes estruturas negativas.

O pote que apresenta perfil completo sublima essa diferença, pela ausência de asas (Foto 8; Fig. 2: [47] – 1603). Adicionalmente, a simplicidade do seu remate – que recorda as produções alto-medievais – também não encontra paralelo nas morfologias conhecidas até ao momento em contextos islamizados. Uma vez mais, é necessário recorrer a realidades setentrionais para contactar com semelhanças evidentes. É o caso dos conjuntos de Viseu, com uma cronologia proposta em torno do século XIII (RODRIGUES, 2014, p. 154) ou Conimbriga, onde comparecem no lote da denominada fase III, que abarca as produções entre os séculos X e XII (MAN, 2006, p. 172) (Figura 2).

Outro exemplar (Fig. 2: [47] – 1604) morfologicamente muito semelhante, diferencia-se essencialmente pela maior espessura das paredes, directamente relacionada com a sua modelação, que decorreu sem recurso a torno rápido. Interpretamos esta ocorrência tecnológica, por agora única nos materiais pleno medievais da região, como uma solução de recurso por parte de uma comunidade ainda marginal à estrutura produtiva instalada. Por alguma

razão, por agora indescortinável, esteve pelo menos temporariamente afastada do mercado cerâmico e recorreu a este tipo de fabrico, numa lógica de auto-abastecimento.

Pelo contrário, duas peças, uma escudela (Fig. 9: [47] – 959) e um alguidar (Fig. 9: [47] – 070), apresentam morfologias “meridionais”, bastante comuns nos contextos baixo-medievais da bacia do Tejo. Poderão corresponder a uma intrusão de materiais do horizonte de ocupação mais tardio que já mencionamos. Em alternativa, poderiam sinalizar uma progressiva integração nos intercâmbios da região por populações alógenas, chegadas em cronologias mais recentes, já em torno do século XIV. De facto, existe pelo menos um contexto em Santarém que parece sinalizar a continuação de movimentos migratórios, séculos depois da integração da cidade nos domínios portugueses (Liberato, 2012, p. 97).

No que diz respeito aos materiais torrejanos, os enchimentos da estrutura negativa [743] ofereceram um lote reduzido de cerâmicas, mas muito coerente formal e culturalmente. Assim, a par de morfologias mais divulgadas e por isso pouco precisas cronologicamente, como o jarro com bico vertedor (Fig. 9: [740] – 2971) e a panela de bordo triangular (Fig. 9: [734] – 2931), comparece um alguidar com o bordo espessado para o interior (Fig. 9: [734] – 2933), aproximando-se das soluções típicas do Mondego, em época pleno-medieval (Man, 2014, p. 64).

Já o perfil e a decoração “arcaizante” de uma panela (Fig. 9: [734] – 2932), apresentando remate simplificado e lábio proto-bífido, a par de incisões desenhadas de moldura, convocam semelhanças com cerâmicas alto-medievais da Bacia do Tejo, que foram substituídas por tradições de origem meridional a partir do século IX. Mas que continuariam a comparecer em latitudes setentrionais, como na Trancoso do século X-XI (Ferreira, Lobão e Catarino, 2012) ou em Coimbra, na fase final desse âmbito cronológico (Silva, 2015, p. 163). Pela associação de caracteres formais presentes neste conjunto, propõe-se assim uma datação centrada no século XII para o seu depósito.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados recolhidos, estes sítios estão irmanados por três características comuns. A primeira consiste na definição de espaços domésticos e/ou habitacionais, a partir de estruturas negativas.

Depois, estas parecem estar sempre associadas a atividades gastronómicas, que decorreram em estruturas de combustão de fácil construção, com pouco investimento de recursos e tempo, mas aparentemente muito precárias. Por fim, reforçando uma imagem de recurso generalizado a soluções circunstanciais, com intervalo de vida curto, observa-se a sistemática presença de alguidares modelados manualmente, cuja estrutura física, muito quebrável, implicaria um elevado índice de descartabilidade.

Com base nestas constatações e por analogia com contextos alto-medievais (Quirós e Bengoetxea, 2010, p. 178), pensamos estar perante soluções de habitat provisórios que, à falta de melhor definição, designamos como acampamentos. Pela cerâmica associada, parecem corresponder ao assentamento de gentes com pouco ou nenhum contacto com o âmbito cultural islâmico, habilitando a hipótese de se tratarem de elementos com origem no Centro ou Norte da Península, recém-chegados às novas possessões cristãs, mas com precária integração na exploração económica do território e, portanto, num estado de pré-sedentarização.

Nalguns casos, chegariam enquadrados pela monarquia ou por outro senhor, com o objetivo concreto de dinamizarem, a prazo, centros urbanos providos de fortaleza, o elemento estruturante da expansão da formação social de tipo feudal. Parece ser esse o caso de Torres Novas, onde a sua superioridade demográfica (ou mesmo exclusividade) determinaram o surgimento de um novo foco de tradições cerâmicas com origem setentrional.

Movimentos populacionais que certamente também demandaram o mundo rural, procurando aproveitar a prodigalidade da bacia do Tejo, assegurando um nível de rentabilidade do trabalho agrícola inatingível nos seus locais de origem. Seria esse o caso da Quinta da Aramenha III, que não parece ter originado nenhum núcleo de povoamento mais estável e poderia ser apenas uma “estação” no processo de adaptação à nova realidade. De resto, terá sido um processo comum e a identificação, à superfície, de um alguidar de fundo em disco no sítio da Ponte do Celeiro (Matias, 2018), a escassos 5 km de Santarém, será um indício de que mesmo áreas onde o domínio por parte dos poderes islâmicos tinha sido mais efetivo, também acolheram esses movimentos colonizadores.

A própria fortaleza do Tejo recebeu novos habitantes, como nos demonstram os achados episódicos de asas puncionadas, alguidares de fundo em disco

e jarros trilobados com cozedura redutora e bruni-mento exterior (Liberato, 2012). A discrição com que surgem no registo arqueológico, sendo absolu-tamente residuais, relacionar-se-á certamente com a realidade com que se depararam. Santarém era uma cidade plenamente islamizada, com um nível de especialização produtiva excecional face aos ambientes ruralizados do Norte e os conquistadores rapidamente terão abandonado as suas tradições oleiras, de qualidade e diversidade inferiores, em favor de uma estrutura de oferta e consumo que já encontrava definida.

A continuação de estudos contextuais que permi-tam identificar cerâmicas de tradição setentrional e o seu peso relativo no conjunto da cultura mate-rial de cada povoação, parece-nos uma interessante linha de investigação. Em especial em áreas, como a Bacia do Tejo, onde a influência da historiografia eventual na prática arqueológica ainda apresenta uma anacrónica resiliência. Promovendo uma leitura “continuista” da conjuntura dos séculos XI-XII que teria correspondido, essencialmente, a uma substituição de poderes na malha de povoamento pré-existente, de origem islâmica.

Pelo contrário, os dados disponíveis apontam, cada vez mais, para que a integração nos domínios cris-tãos do espaço entre Tejo e Mondego e a consequen-te afirmação dos valores e estratégias da formação social de tipo feudal tenha determinado alterações estruturais. Afirmando o trinómio fortaleza / sede de concelho / termo como uma inédita forma de articulação territorial e exploração de recursos. E que a captação de contingentes populacionais, oriundos do Centro e Norte peninsular, terá sido a condição determinante para o sucesso da sua implantação.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1975) – *Fouilles de Conimbriga – V – La céramique commune locale et régionale*, Paris: Mission Archéologique Française au Portugal / Musée Monographique de Conimbriga.

BARRADAS, Elisabete, BATATA, Carlos (2012) – Casal do Acipreste (Tomar) – um habitat tardo-romano/visigótico. Poster apresentado no 1º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição realizado na Universidade de Évora – 3 a 5 de Maio de 2012, Documento eletrónico [Consultado em 26-11-2019] https://www.academia.edu/1563985/O_Casal_do_Acipreste_Tomar_-_um_habitat_tardo-romano_visigótico

BORGES, Nelson (2007) – *Relatório final da escavação arqueológica na Quinta da Aramenha III (saibreira)*, Cartaxo, relatório policopiado.

BORGES, Nelson (2007a) – *Relatório final da escavação arqueológica na Quinta da Aramenha III (saibreira)*, Cartaxo. *Elementos em falta*, relatório policopiado.

BOISSELLIER, Stéphane (2012) – *La construction administrative d'un royaume. Registres de bénéfiques ecclésiastiques portugais (XIII-XIVe siècles)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1992) – O concelho de Torres Novas em tempo de crescimento e consolidação do reino. *Nova Augusta*. 6, pp. 55-67.

CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000) – *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Cascais: Patrimonia Histórica. 1.

COSTA, Cláudia, RODRIGUES, Filipa, COSTA, Teresa, LOPES, Gonçalo (2007) – A intervenção arqueológica no nº 121 da Rua Carlos Reis (Torres Novas). Primeiros Resultados. *Nova Augusta*. 19, pp. 287-318.

FERREIRA, Maria do Céu; LOBÃO, João Carlos, CATARINO, Helena (2012) – Cerâmicas altomedievais do Castelo de Trancoso – uma primeira abordagem. *Arqueologia Medieval*. 12, pp. 15-32.

GONZÁLEZ, Cristina (2013) – Quinta da Granja 1 (Maiorga, Alcobaça): novos dados sobre o povoamento da Estremadura na Alta Idade Média. in *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 913-921.

LIBERATO, Marco (2012) – *Cerâmica Pintada a Branco na Santarém Medieval. Séculos XI-XVI*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LIBERATO, Marco; RAMOS, Romão; SANTOS, Helena; MAURÍCIO, Fernando (2017) – Marcas de canteiro em Torres Novas: novos dados sobre a evolução da malha urbana medieval. *Nova Augusta*. 29, pp. 151-164.

LIBERATO, Marco; SANTOS, Helena (2017) – O registo arqueológico de um centro urbano periférico do Médio Tejo: Torres Novas, séculos XII-XIV. In *O papel das pequenas cidades na construção da Europa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 197-212.

LIBERATO, Marco; SANTOS, Helena (2018) – Between two worlds: cultural and technological characteristics of medieval pottery from Torres Novas (Santarém district, Portugal) in *Actas do XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*. Antalya: Association Internationale pour l'Etude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée / Koç University, pp. 255-258.

LOPES, Gonçalo (2007) – Um cantil almóada em Torres Novas. *Nova Augusta*. 19, pp. 319-325.

LOURENÇO, Sandra (2002) – A ocupação medieval da Rua Tenente Valadim, n.ºs 1 e 3, Torres Novas. *Nova Augusta*. 14: pp. 109-156.

MAN, Adriaan de (2006) – *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*, Lisboa:Edições Sílabo.

MAN, Adriaan; CORREIA, Virgílio Hipólito; LOVEGROVE, Sofia; ANDRADE, Francisco (2014) – A Cerâmica Medieval de Conimbriga. In *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-68.

MATIAS, António (coord.) (2018) – *Santarém. Carta Arqueológica Municipal*. Santarém: Município de Santarém.

QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, BENGOTXEA RE-MENTERIA, Belen (2010) – *Arqueología III: Arqueología medieval y posmedieval*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.

SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2014) – Cerâmicas do período da reconquista no Vale do Arda: castelo de Arouca e Casal da Malafaia. In *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 161-181.

SILVA, Ricardo (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. dissertação de doutoramento em Arqueologia. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra.

TENTE, Catarina; LANTES, Óscar; PRIETO, Pilar (2014) – A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal). In *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp.110-139.

VIEGAS, Catarina; ARRUDA, Ana Margarida (1999) – Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:2, pp. 105-186.

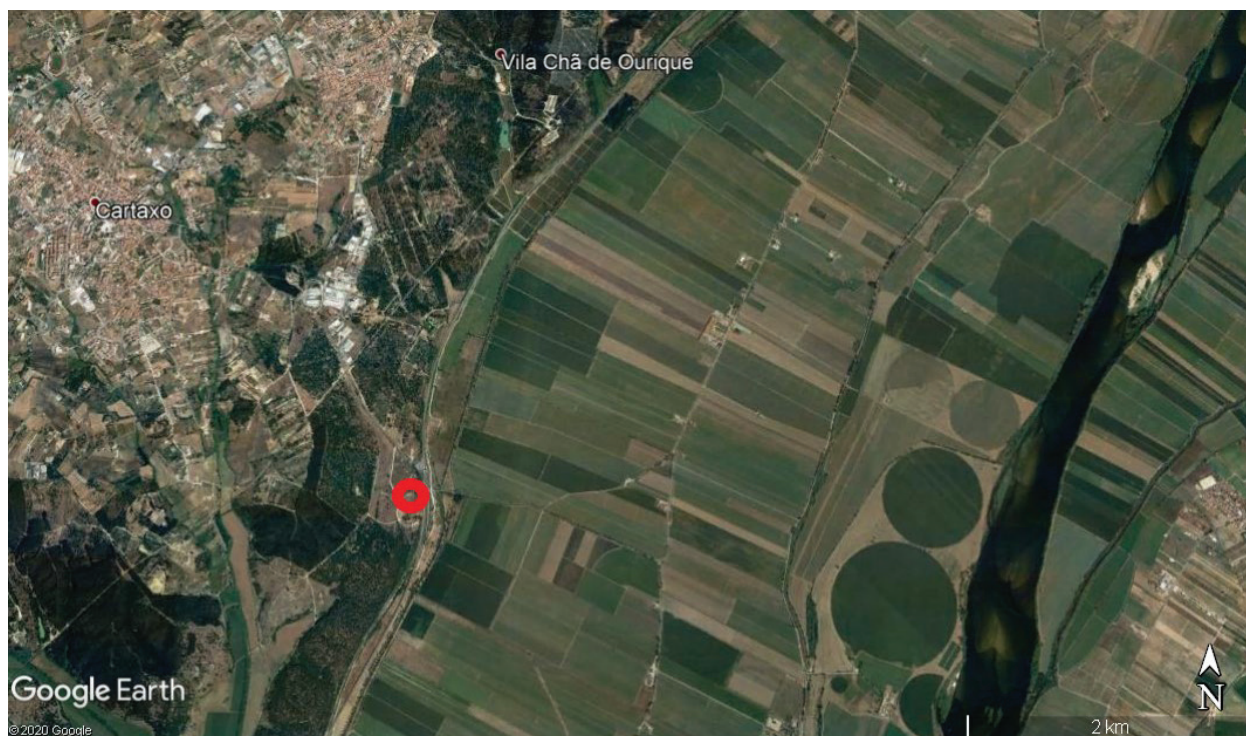


Foto 1 – Localização (a vermelho) do sítio Quinta da Aramenha III.



Foto 2 – Estrutura negativa [35] da Quinta da Aramenha III (Borges, 2007).



Foto 3 – Estrutura negativa [34] da Quinta da Aramenha III (Borges, 2007).

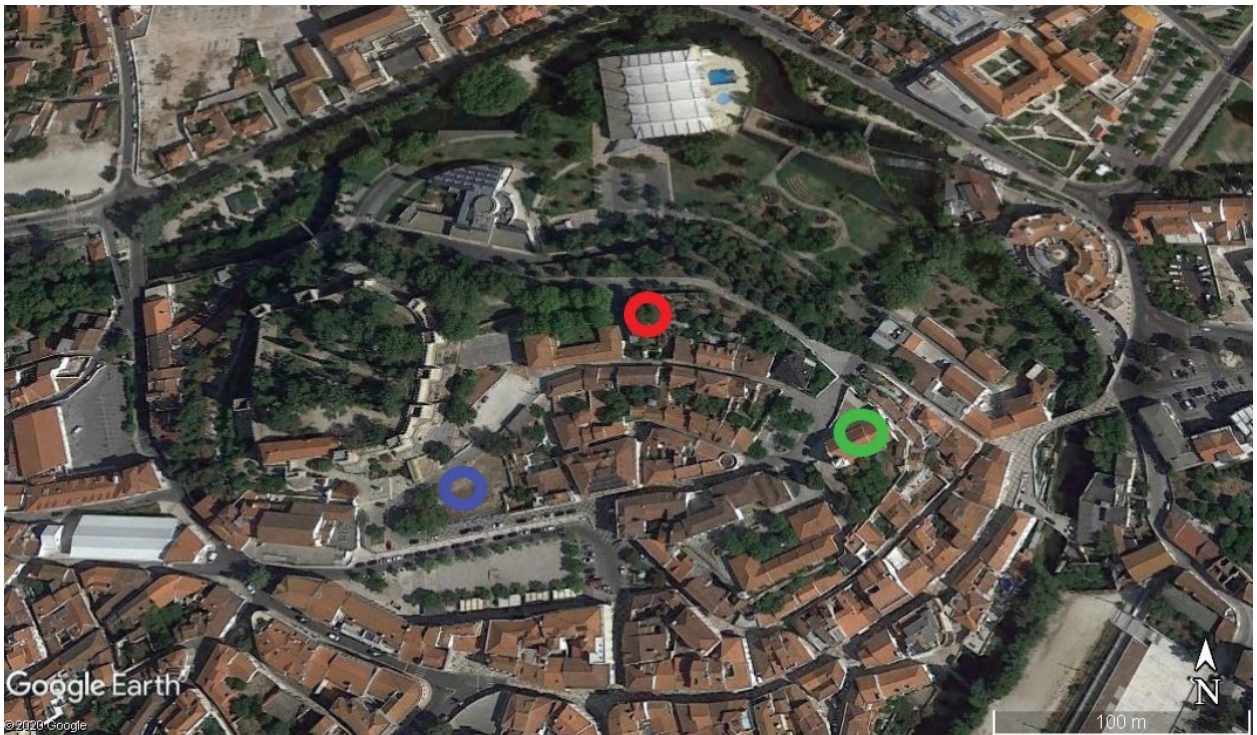


Foto 4 – Localização do Prédio Alvarenga (vermelho) e das igrejas de Santa Maria (azul) e de S. Salvador (verde), na malha urbana de Torres Novas.



Foto 5 – Estrutura negativa [743] do Prédio Alvarenga. As interfaces circulares que a intercetam correspondem a silos escavados posteriormente ao abandono da mesma.



Foto 6 – Unidade funcional forno [710] / “braseiro” [712]. Prédio Alvarenga.



Foto 7 – Alguidar modelado manualmente proveniente dos níveis pleno-medievais da casa do Mediano Absidiado, Conímbriga.

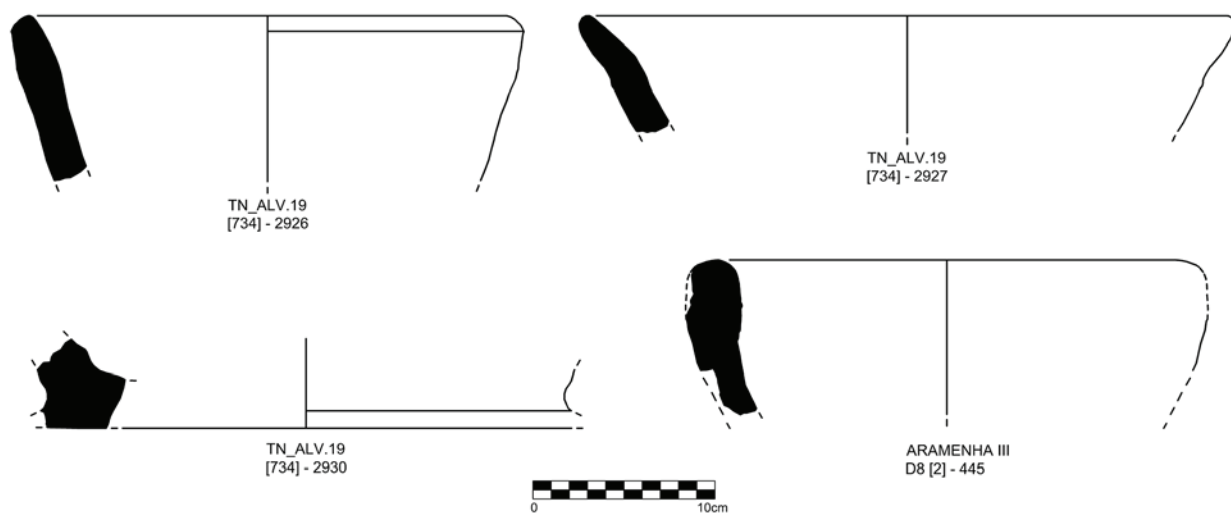


Figura 1 – Alguidares modelados manualmente do Prédio Alvarenga e do Quinta da Aramenha III.

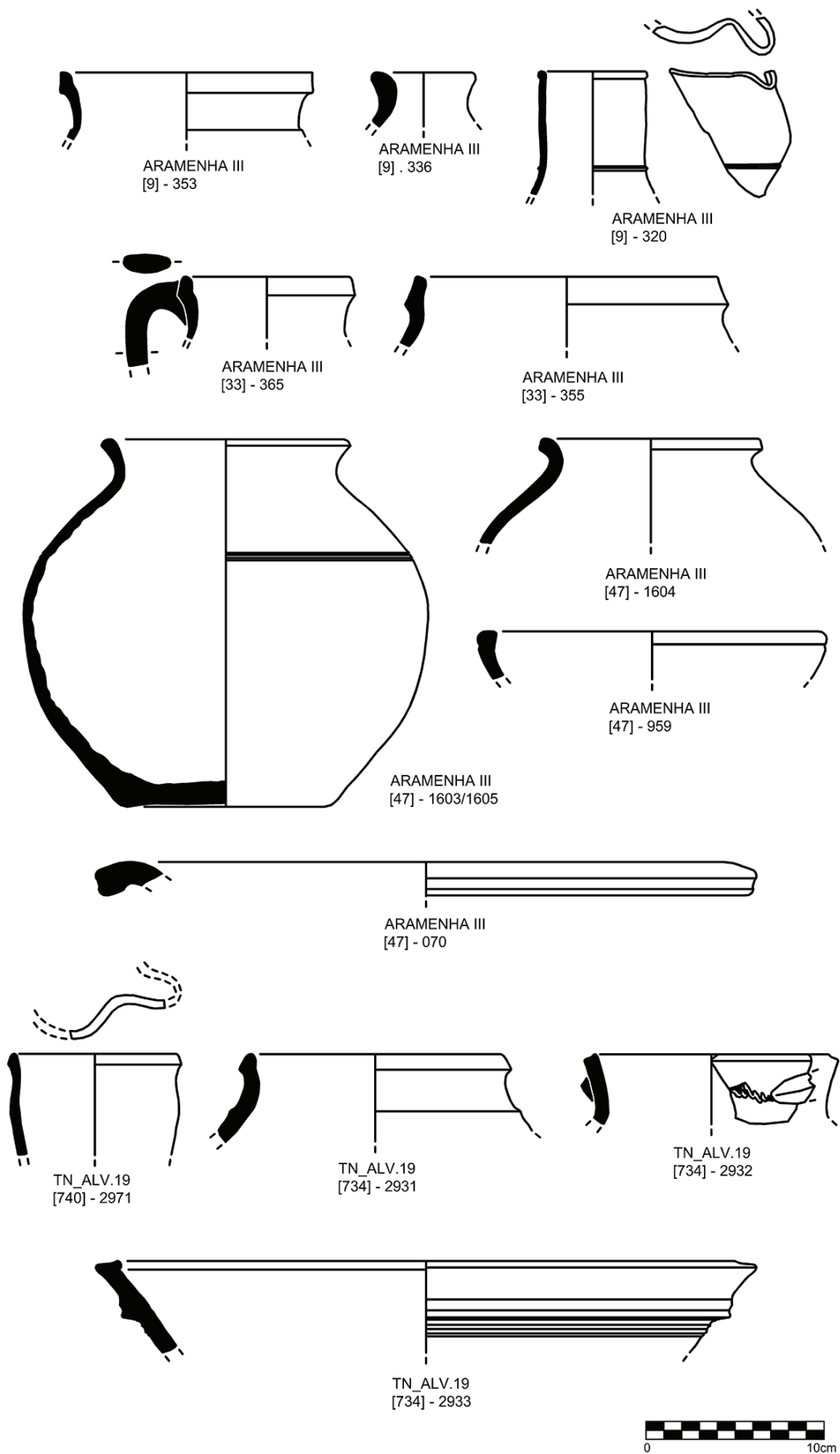


Figura 2 – Conjuntos cerâmicos dos sítios analisados.



Foto 8 – Pote recuperado no depósito [47] do Quinta da Aramenha III.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores de Arqueologia do Porto

